

**13/7/1987**

**Mortes no conflito de Leme completam 1 ano impunes**

Valdir Sanches

LEME (SP) — Um ano depois do conflito entre 200 policiais militares e 2 mil bóias-frias em greve, em uma praça desta cidade, a 192 quilômetros da capital, que resultou na morte a tiros do cortador de cana Orlando Correia e da empregada doméstica Sibely Aparecida Manoel (além de 10 outros trabalhadores baleados), a polícia ainda não descobriu quem apertou o gatilho. O inquérito policial instaurado pela Delegacia Seccional da vizinha cidade de Rio Claro — parado desde 16 de março — pelo menos mudou a direção inicial das acusações, transferindo-as do PT para a polícia militar.

Nos dias seguintes aos fatos, uma versão forjada, segundo a qual os tiros haviam partido de políticos petistas ocupantes de um Opala da Assembléia Legislativa, municiou um fogo cerrado de autoridades do governo contra o PT. "Os conflitos de Leme foram provocados por setores que se opõem ao convívio democrático, organizações totalitárias e antidemocráticas", acusou o ministro Paulo Brossard.

— Meia-dúzia de baderneiros jogou com vidas humanas e agora deveria ser enjaulada —, vociferou o coronel PM Claudovino de Souza, que assistiu ao conflito. "Os tiros partiram do Opala", assegurava o diretor da Polícia Federal, delegado Romeu Tuma.

O secretário da Segurança Pública da época, Eduardo Muylaert, prometia: "Vamos apurar até o fim, doa a quem doer". O inquérito parou porque as armas dos policiais militares precisam passar por exame microscópico balístico comparativo. O microscópio do Centro de Perícia Policial mais próximo, em Campinas, estava quebrado e foi enviado para conserto. Até hoje não ficou pronto.

A versão do Opala com políticos do PT dando tiros surgiu no depoimento de duas testemunhas, o motorista de um ônibus de bóias-frias, Orlando de Souza, e um passageiro, José Henrique Cafasso. Esse ônibus, que levava bóias-frias ao trabalho, foi cercado e apedrejado pelos grevistas, dando início à ação policial e ao conflito. Na versão das duas testemunhas, tomadas no dia dos fatos — 11 de julho de 1987 — o Opala havia cercado o ônibus e seus ocupantes disparado os tiros que mataram Orlando e Sibely.

Um advogado da direção nacional do PT, Luiz Eduardo Greenhalgh, e o candidato derrotado ao governo do estado, Eduardo Suplicy, estranharam as declarações e procuraram as testemunhas. Orlando de Souza, o motorista, tinha desaparecido, mas José Cafasso, encontrado em casa, ficou surpreso com a história do Opala e dos tiros, desmentiu a versão.

Os dois homens do PT descobriram também que o boletim de ocorrência sobre o conflito fora substituído na Delegacia de Leme. Um primeiro boletim de ocorrência descrevia o apedrejamento do ônibus, sem falar em tiros. Foi destruído (mas os policiais coo esqueceram uma cópia, preciosa prova para os petistas) e em seu lugar entrou o boletim de ocorrência que falava em tiros partindo do Opala.

A delegacia de Leme dizia também não ter encontrado os projéteis que haviam provocado as mortes. Mas, na Santa Casa, os petistas descobriram os projéteis num armário.

**(Página 4)**